

DOMINGO IV DO TEMPO COMUM

CIC 459, 520-521: Jesus, modelo das bem-aventuranças para todos nós

459 O Verbo fez-Se carne, *para ser o nosso modelo de santidade*: «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim [...]» (Mt 11, 29). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (Jo 14, 6). E o Pai, na montanha da Transfiguração, ordena: «Escutai-O» (Mc 9, 7)¹. De facto, Ele é o modelo das bem-aventuranças e a norma da Lei nova: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12). Este amor implica a oferta efectiva de nós mesmos, no seu seguimento².

520 Em toda a sua vida, Jesus mostra-Se como *nosso modelo*³: é «o homem perfeito»⁴, que nos convida a tornarmo-nos seus discípulos e a segui-Lo; com a sua humilhação, deu-nos um exemplo a imitar⁵; com a sua oração, convida-nos à oração⁶; com a sua pobreza, incita-nos a aceitar livremente o despojamento e as perseguições⁷.

521 Tudo o que Cristo viveu, Ele próprio faz com que o possamos *viver n'Ele* e Ele *vivê-lo em nós*. «Pela sua Encarnação, o Filho de Deus uniu-Se, de certo modo, a cada homem»⁸. Nós somos chamados a ser um só com Ele; Ele faz-nos comungar, enquanto membros do seu corpo, em tudo o que Ele próprio viveu na sua carne por nós, e como nosso modelo:

«Devemos continuar a completar em nós os estados e mistérios da vida de Jesus e pedir-Lhe continuamente que Se digne consumá-los perfeitamente em nós e em toda a sua Igreja [...]. Na verdade, o Filho de Deus deseja comunicar e prolongar, de certo modo, os seus mistérios em nós e em toda a sua Igreja, quer pelas graças que decidiu conceder-nos, quer pelos efeitos que deseja produzir em nós, por meio destes mistérios. É neste sentido que Ele quer completá-los em nós»⁹.

CIC 1716-1724: a vocação à bem-aventurança

1716 As bem-aventuranças estão no coração da pregação de Jesus. O seu anúncio retoma as promessas feitas ao povo eleito, desde Abraão. A pregação de Jesus

¹ Cf. Dt 6, 4-5.

² Cf. Mc 8, 34.

³ Cf. Rm 15, 5; Fl 2, 5.

⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 38: AAS 58 (1966) 1055.

⁵ Cf. Jo 13, 15.

⁶ Cf. Lc 11, 1.

⁷ Cf. Mt 5, 11-12.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

⁹ SÃO JOÃO EUDES: *Le royaume de Jésus*, 3, 4: *Oeuvres complètes*, v. 1 (Vannes 1905) p. 310-311 [2ª leitura do Ofício de Leituras de sexta-feira da 33ª semana do Tempo Comum: *Liturgia das Horas*, v. 4 (Gráfica de Coimbra 1983), p. 539].

completa-as, ordenando-as, não já somente à felicidade resultante da posse duma terra, mas ao Reino dos céus:

«Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos céus.

Bem-aventurados sereis, quando, por minha causa, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal de vós. Alegrai-vos e exultai, pois é grande nos céus a vossa recompensa» (Mt 5, 3-12).

1717 As bem-aventuranças retratam o rosto de Jesus Cristo e descrevem-nos a sua caridade; exprimem a vocação dos fiéis associados à glória da sua paixão e ressurreição; iluminam os actos e atitudes características da vida cristã; são as promessas paradoxais que sustentam a esperança no meio das tribulações; anunciam aos discípulos as bênçãos e recompensas já obscuramente adquiridas; já estão inauguradas na vida da Virgem Maria e de todos os santos.

1718 As bem-aventuranças respondem ao desejo natural de felicidade. Este desejo é de origem divina; Deus pô-lo no coração do homem para o atrair a Si, o único que o pode satisfazer:

«Todos nós, sem dúvida, queremos viver felizes, e não há entre os homens quem não dê o seu assentimento a esta afirmação, mesmo antes de ela ser plenamente enunciada»¹⁰.

«Como é então, Senhor, que eu Te procuro? De facto, quando Te procuro, ó meu Deus, é a vida feliz que eu procuro. Faz com que Te procure, para que a minha alma viva! Porque tal como o meu corpo vive da minha alma, assim a minha alma vive de Ti»¹¹.

«Só Deus sacia»¹².

1719 As bem-aventuranças descobrem a meta da existência humana, o fim último dos actos humanos: Deus chama-nos à sua própria felicidade. Esta vocação dirige-se a cada um, pessoalmente, mas também ao conjunto da Igreja, povo novo constituído por aqueles que acolheram a promessa e dela vivem na fé.

1720 O Novo Testamento emprega muitas expressões para caracterizar a bem-aventurança a que Deus chama o homem: a chegada do Reino de Deus¹³; a visão de Deus: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5, 8)¹⁴; a entrada na alegria do Senhor¹⁵; a entrada no repouso de Deus¹⁶:

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, *De moribus Ecclesiae catholicae* 1. 3, 4: CSEL 90, 6 (PL 32, 1312).

¹¹ SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, 10, 20, 29: CCL 27, 170 (PL 32, 791).

¹² SÃO TOMÁS DE AQUINO, *In Symbolum Apostolorum scilicet «Credo in Deum» expositio*, c. 15: *Opera omnia*, v. 27 (Parisiis 1875) p. 228.

¹³ Cf. Mt 4, 17.

¹⁴ Cf. 1 Jo 3, 2; 1 Cor 13, 12.

¹⁵ Cf. Mt 25, 21.23.

¹⁶ Cf. Heb 4, 7-11.

«Lá, descansaremos e veremos; veremos e amaremos; amaremos e louvaremos. Eis o que acontecerá no fim sem fim. E que outro fim temos nós, senão chegar ao Reino que não tem fim?»¹⁷.

1721 De facto, Deus colocou-nos no mundo para O conhecermos, servirmos e amarmos, e assim chegarmos ao paraíso. A bem-aventurança faz-nos participantes da natureza divina (*1 Pe* 1, 4) e da vida eterna¹⁸. Com ela, o homem entra na glória de Cristo¹⁹ e no gozo da vida trinitária.

1722 Uma tal bem-aventurança ultrapassa a inteligência e as simples forças humanas. Resulta de um dom gratuito de Deus. Por isso se classifica de sobrenatural, tal como a graça, que dispõe o homem para entrar no gozo de Deus.

«*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus*». É certo que “ninguém pode ver a Deus” na sua grandeza e glória inenarrável e “continuar a viver”, porque o Pai é inacessível. Mas, no seu amor, na sua bondade para com os homens e na sua onnipotência, vai ao ponto de conceder aos que O amam esta graça: ver a Deus [...] porque “o que é impossível aos homens é possível a Deus”²⁰.

1723 A bem-aventurança prometida coloca-nos perante as opções morais decisivas. Convida-nos a purificar o nosso coração dos seus maus instintos e a procurar o amor de Deus acima de tudo. E ensina-nos que a verdadeira felicidade não reside nem na riqueza ou no bem-estar, nem na glória humana ou no poder, nem em qualquer obra humana, por útil que seja, como as ciências, as técnicas e as artes, nem em qualquer criatura, mas só em Deus, fonte de todo o bem e de todo o amor:

«A riqueza é a grande divindade deste tempo; é a ela que a multidão, toda a massa dos homens, presta instintiva homenagem. Mede-se a felicidade pela fortuna, como pela fortuna se mede a honorabilidade [...] Tudo provém desta convicção: com a riqueza, tudo se pode. A riqueza é, pois, um dos ídolos actuais; outro, é a notoriedade. [...] A notoriedade, o facto de se ser conhecido e de dar brado no mundo (a que poderia chamar-se fama de imprensa), acabou por ser considerada como um bem em si mesma, um bem soberano, objecto, até, de verdadeira veneração»²¹.

1724 O decálogo, o sermão da montanha e a catequese apostólica descrevem-nos os caminhos que conduzem ao Reino dos céus. Por eles avançamos, passo a passo, pelos actos de cada dia, amparados pela graça do Espírito Santo. Fecundados pela Palavra de Cristo, pouco a pouco damos frutos na Igreja para a glória de Deus²².

¹⁷ SANTO AGOSTINHO, *De civitate Dei*, 22, 30: CSEL 40/2, 670 (PL 41, 804).

¹⁸ Cf. *Jo* 17, 3.

¹⁹ Cf. *Rm* 8, 18.

²⁰ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses*, 4, 20, 5: SC 100, 638.

²¹ IOANNES HENRICUS NEWMAN, *Discourses addressed to Mixed Congregations*, 5 [*Saintliness the Standard of Christian Principle*]

²² Cf. parábola do semeador: *Mt* 13, 3-23.

CIC 64, 716: os pobres, os humildes e os “últimos” trazem a esperança do Messias

- 64** Pelos profetas, Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa duma aliança nova e eterna, destinada a todos os homens²³, e que será gravada nos corações²⁴. Os profetas anunciam uma redenção radical do povo de Deus, a purificação de todas as suas infidelidades²⁵, uma salvação que abrangerá todas as nações²⁶. Serão sobretudo os pobres e os humildes do Senhor²⁷ os portadores desta esperança. As mulheres santas como Sara, Rebeca, Raquel, Míriam, Débora, Ana, Judite e Ester conservaram viva a esperança da salvação de Israel. Maria é a imagem puríssima desta esperança²⁸.
- 716** O povo dos «pobres»²⁹, dos humildes e dos mansos, totalmente entregues aos desígnios misteriosos do seu Deus, o povo dos que esperam a justiça, não dos homens mas do Messias, tal é, afinal, a grande obra da missão oculta do Espírito Santo, durante o tempo das promessas, para preparar a vinda de Cristo. É a qualidade do seu coração, purificado e iluminado pelo Espírito, que se exprime nos salmos. Nestes pobres, o Espírito prepara para o Senhor «um povo bem disposto»³⁰.

²³ Cf. *Is* 2, 2-4.

²⁴ Cf. *Jr* 31, 31-34; *Heb* 10, 16.

²⁵ Cf. *Ez* 36.

²⁶ Cf. *Is* 49, 5-6; 53, 11.

²⁷ Cf. *Sf* 2, 3.

²⁸ Cf. *Lc* 1, 38.

²⁹ Cf. *Sf* 2, 3; *Sl* 22, 27; 34, 3; *Is* 49, 13; 61, 1; etc.

³⁰ Cf. *Lc* 1, 17.